

Capitalismo em transe: inspiração para inovar!

Capitalism in transe: inspiration to innovate!

Nelson Golçalves Calafate

*Químico e Engenheiro Químico pela Escola Nacional de Química da
Universidade do Brasil, turma de 1954*

Submetido em 15/08/2020; Aceito em 13/10/2020

Resumo: Como as empresas podem auxiliar a salvar o planeta. Está em jogo a capacidade humana de sobreviver em um planeta hostil à sua própria espécie, evitando desperdício e ajudando na economia de baixo carbono - Os bons exemplos empresariais desse movimento para um desenvolvimento sustentável: diretores administrativos, CEO's/Chief Executive Officer's - Até 2015, as emissões de dióxido de carbono relacionadas ao setor energético, por exemplo, atingiram 33,3 gigatoneladas. Em um ano, as emissões de países emergentes cresceram 400 milhões de toneladas. - O crédito de carbono como moeda do futuro: debate em torno da precificação dos gases de efeito estufa.

Palavras-chave: inovação; sustentabilidade; créditos de carbono

Abstract: How companies can help save the planet. At stake is the human capacity to survive on a planet hostile to its own species, avoiding waste and helping in the low carbon economy - The good business examples of this movement for sustainable development: managing directors, CEO's /Chief Executive Officer's - Carbon dioxide emissions related to the energy sector, for example, reached 33.3 gigatonnes until 2015. In one year, emissions from emerging countries grew by 400 million tons. - Carbon credit as the currency of the future: debate around the pricing of greenhouse gases.

Keywords: innovation; sustainability; carbon credits

Segundo António Guterres, Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas/ONU: “Estamos ganhando essa guerra (contra as mudanças climáticas), e nós absolutamente precisamos ganhar. O Planeta não será destruído. O que será destruído é nossa capacidade de viver nesse Planeta!”.

Como o capitalismo, apostando em recursos e crescimento infinito, também está em xeque, e à procura de uma clínica de reabilitação para se redefinir como modelo econômico viável.

Enquanto os líderes dos países demoram para chegar a um acordo global e estabelecer metas pesadas, parece estar no próprio capitalismo a possível saída desse caminho estreito. Somente 31% dos brasileiros de 15 a 25 anos acreditam nos discursos das empresas a respeito de suas práticas ambientais.

Vivemos hoje uma emergência climática global. Conservar áreas naturais se tornou, de algum modo, um tipo de autopreservação.

No capitalismo do século XXI, o lucro financeiro não é a única métrica a ser atingida. Um estudo do Fórum Econômico Mundial em parceria com a consultoria PwC indica que metade do PIB global - o que equivale a US\$ 44 trilhões - depende em maior ou menor grau, da Natureza. Como bem definiu Marc Benioff, fundador e CEO da Salesforce, a Terra é hoje nossa maior 'stakeholder' (acionistas). E ela cresce de investimentos sustentáveis: mudam-se os negócios.

Os chamados ativos sustentáveis são a classe que mais se eleva hoje, conforme a Aliança Global de Investimento Sustentável/GSTA (em inglês). Entre 2.016 e 2.018, houve um aumento de 34% nesses aportes, totalizando US\$ 30,7 trilhões. Muito desse crescimento está associado aos fundos de pensão e outros investidores que aderiram ao PPI, sigla em inglês para 'Princípios para o Investimento Responsável', criado pela ONU em 2.003 e representando o compromisso dos grandes investidores institucionais do mundo de investir em negócios sustentáveis.

Como grande exemplo, em 14 de janeiro último,

Larry Fink, CEO e presidente do Conselho da BlackBook, a maior gestora de recursos do mundo, com quase US\$ 7 trilhões de ativos sob sua administração, anunciou: “A Sustentabilidade está agora no centro das decisões de investimento da empresa”. E continua: “Nossa convicção de investimento é que os portfólios interessados com a Sustentabilidade e o clima podem proporcionar melhores retornos ajustados ao risco para os investidores. E, dado o crescente impacto da Sustentabilidade, acreditamos que a base mais forte para os portfólios dos nossos clientes no futuro é o investimento Sustentável”.

No mundo das finanças, o título é de transformações. Nas próximas duas décadas, acontecerá a maior transferência de riqueza da História da Humanidade. Cerca de US\$ 30 trilhões bastarão dos 'baby boomers' para os 'millennials'. E os herdeiros do futuro estarão muito mais afinados com as causas socioambientais.

Conforme Marcelo de Andrade - sócio da 'Earth Capital': “Temos de entender a Sustentabilidade como um diferencial de risco”.

Desenvolvimento Sustentável

Vejamos os bons exemplos empresariais desse movimento para um desenvolvimento Sustentável, através de seus administradores e CEO's:

- Alan Jope - Unilever: “A mudança climática é a maior ameaça que a Humanidade enfrenta. As empresas que não se mobilizarem não serão punidas apenas por seus 'stakeholders', mas também pelo Planeta”.

- Andrea Crisanar - Generali Brasil: “Usa carro híbrido, duas vezes por semana, percorrendo de metrô e VLT elétrico de 36 km que separam sua casa do escritório, no Rio de Janeiro e duas vezes mês trabalha remotamente de casa”.

- Fei Liu - Pesquisador de qualidade do ar do Centro Espacial Goddard/NASA: “O novo coronavírus, aparecido em 31 de dezembro de 2.019, na cidade de Wuhan/China e dali ganhou o Planeta.

O declínio nos níveis de poluição do ar coincidiu com as restrições impostas às atividades de transporte e negócios, e quando milhões de pessoas entraram em quarentena. Essas medidas reduziram em pelo menos 25% as emissões de CO₂/dióxido de carbono na China - o equivalente a uma redução global de 6% no volume do mais nocivo dos Gases de Efeito Estufa/GEE's."

- Henrik Poulsen - Da DONG/Danish Oil and Natural Gas, desde 2.010 organização dinamarquesa Ørsted. Líder global no desenvolvimento de projetos eólicos 'offshore', primeira colocada no 'ranking' das 100 empresas mais Sustentáveis do mundo em 2.020, pela revista canadense 'Korporate Knights'. Reduziu as emissões de CO₂ em 80%: a meta é tornar-se essencialmente neutra em Carbono, até 2.025. Em 2.016, quando entrou no mercado de ações, o valor da Companhia mais do que dobrou, chegando a US\$ 40 bilhões. Em 2.012, de uma crise financeira, pensou em um novo propósito: o da Sustentabilidade foi imprescindível para a evolução.

Seu país, a Dinamarca, é líder global no uso de energia eólica que, em 2.019, respondeu por quase metade do total consumido no país - alta de 41% em relação a 2.018 e de 43% sobre 2.017.

- J. Joseph Kim, o 'caçador de vírus': À frente da empresa de biotecnologia INOVID, este cientista de origem sul-coreana é um dos líderes da corrida pela vacina contra o Covid19, o novo coronavírus surgido na China (cidade de Wuhan), como já dito.

- João Paulo Ferreira - da Natura e Co Latam: "A empresa reduziu o consumo da carne, trocou o carro a álcool por um modelo elétrico mas dá preferência a usar aplicativo de transporte, e se inspira no filho adolescente para reduzir o consumo de itens cotidianos".

- Larry Fink - da Blackrock, o maior fundo do mundo administrando US\$ 7 trilhões em ativos: "As empresas devem ser deliberadas e empenhadas em abraçar o propósito de servir todas as partes interessadas - seus acionistas, clientes, funcionários e os consumidores onde operam".

- Luc Rémont, vice-presidente executivo de

operações internacionais da Schneider Electric: "Mantém uma militância para converter o máximo de pessoas para o uso racional de energia e buscar compensar o gasto de Carbono de suas viagens com ações globais para reduzir a pegada de carbono".

- Marco Antonio Fugihara, da Consultoria 'Sanditechnologies': "Cuidar do Meio Ambiente é assunto econômico".

Maurício Adade, presidente da DSM para a América Latina e presidente global do programa de desnutrição e parcerias: "Viaja de trem quando vai para a Europa. Em São Paulo, se desloca de trem e metrô até o seu escritório; incentiva a família a reduzir o consumo de energia e água e a controlar o tempo de banho".

- Maurício Báhr, presidente da Engle Brasil: Usa o veículo leve sobre trilhos o VLT, para ir a reuniões no Centro do Rio de Janeiro, e carregar no bolso 3 cartões adicionais para emprestar a outros profissionais, a quem convence dispensar o carro ou táxi".

- Tania Consentino, presidente da Microsoft Brasil: "Fez a própria instalação elétrica com iluminação direta em casa, reduziu as viagens, e substituiu por ferramentas digitais; fiscaliza o uso de lixo reciclável e promove a diversidade dentro e fora de casa".

- Teresa Vernaglia - CEO da BRK Ambiental: "Reduziu o consumo de carne, fiscaliza o uso de água e luz em casa, mantém ampulheta para cronometrar o banho do filho adolescente e alerta familiares e vizinhos a não jogar óleo na pia".

- Toby McCartney - com Gordon Reid e Nick Burneti, fundaram a MacRebur, especializada em construir rodovias 60% mais resistentes e ecológicas, contendo plástico recuperado e que são mais flexíveis e melhor resistentes aos movimentos de contração e expansão, naturais das mudanças climáticas. Para cada quilômetro de estrada, a empresa escocesa usa o equivalente a 684 mil garrafas e 1,8 milhão de sacolas plásticas, material que tapa buracos após derretimento.

E acrescentamos comentários sobre a denominada Geração Esperan(Z)A formada por

jovens que conduzem os negócios rumo à sustentabilidade, transparência e ética.

Os jovens ZS são a primeira geração nativa digital, nascidos entre o final dos anos 1.990 e 2.010. Esses jovens não dispensam o 'smartphone' as ferramentas sociais.

Pelo bem do Planeta, seguem o pensamento e a voz da adolescente Greta Thunberg (17 anos), ativista sueca que se tornou símbolo não só da luta contra a mudança climática, mas do poder dessa juventude.

No Brasil, a geração Z já compreende 51 milhões de pessoas (24% dos brasileiros). Em breve, a geração Z será muito numerosa no Planeta, com 1/3 da população mundial.

- Giulia Vellari (19 anos) é outro belo exemplo. Estudante de Arquitetura e Urbanismo: “Adepta da reciclagem e do reuso. Metade de seu guarda-roupa é ocupado por peças garimpadas em 'brechós' de São Paulo. Evita o plástico, prefere os produtos com refil e embalagens renováveis. Usa o coletor menstrual em vez de absorventes, desde os 15 anos; cancelou lojas de 'sites' suspeitos de agressão ao meio ambiente, trabalho escravo, gorrofobia, racismo.

O Crédito de Carbono como Moeda do Futuro - Debate em Torno da Precificação dos Gases de Efeito Estufa/gee's

Os últimos meses de 2.019 foram atribuídos para as 20 maiores empresas globais do setor de combustíveis fósseis, dentre elas a Petróleo Brasileiro S.A./PETROBRAS. Nos últimos 55 anos, elas foram responsáveis por 35% das emissões de GEE's, o equivalente a 480 bilhões de toneladas de carbono - concluiu estudo do Instituto de Responsabilidade Climática do Colorado/EUA, liderado por Richard Heede, um dos maiores especialistas do mundo do assunto.

Conforme a consultoria Nielsen, 75% dos consumidores alterariam hábitos de compra para reduzir o impacto ambiental; e para 81%, as empresas têm de agir para proteger o meio ambiente.

E, segundo Marco Antonio Fujihara, vice-presidente da consultoria Sinai Technologies: “Quem ainda não neutralizou o Carbono está se mexendo para manter e divulgar planos de ação. Não se trata de discussão ideológica, como alguns tentam colocar. Cuidar do meio ambiente é assunto econômico”.

Um projeto do Banco Mundial - o “Partnership for Market Readiness”/PMR visa elaborar recomendações para que os países ajustem as suas políticas e alcancem seus compromissos ambientais.

No Brasil, um estudo sobre o tema deve ficar pronto no presente ano. Será que o Brasil precisa de instrumento de preço de Carbono para cumprir com suas metas climáticas? Se sim, qual é o melhor desenho? Seria via tributação sobre a emissão? Via mercado, com um sistema de comércio? Um 'mix' dos dois?

A discussão vai avançar nos próximos meses? Indaga Guarany Osório, coordenador do Programa de Política e Economia Ambiental da Fundação Getúlio Vargas e participante do PMR.

Diante desse cenário, o mercado de emissão, que, em 2.005, foi fortalecido com a entrada em vigor do Protocolo de Kyoto, e que arrefeceu ao término do primeiro período de compromisso (entre 2.008 e 2.010), deve voltar com tudo a partir de 2.020.

Enquanto uma política nacional não é estabelecida, companhias brasileiras ou com operações por aqui tentam mitigar emissões por meio da implementação de tecnologias que melhorem a eficiência e participem de projetos de crédito de carbono junto à Convenção. Quadro das Nações Unidas sobre mudanças do clima/UNFCCC (na sigla em inglês) é feito por meio de um sistema chamado Mecanismo de Desenvolvimento Limpo/MDL, em que os créditos são comprados por empresas para compensar o impacto. Como exemplo, a Arcelor Metalbrasil, maior produtora de aço da América Latina, com operações industriais em estados brasileiros, possui ações voltadas para a redução do uso de recursos naturais, a exploração do potencial de materiais recicláveis e o uso do biorredutor

renovável (carvão vegetal a partir de florestas de eucalipto). O grupo global tem o compromisso de neutralizar as emissões na Europa até 2.050 e reduzir drasticamente nas plantas ao redor do mundo, em meta que será definida em 2.020.

“É preciso incentivar as empresas que constroem a nova economia”, segundo Kathleen Rogers, presidente da 'Rede Earth Day', movimento que há 50 anos celebra o Dia da Terra, que marcou o Ambientalismo e os primeiros alertas para os períodos de crescimento desordenado. Está em 193 países, chamando a atenção para os desafios de nosso tempo: mudança climática, poluição, desflorestamento e extinção de espécies, dentre outros - sempre discutindo a Sustentabilidade do planeta: a emergência climática entrou de vez na agenda do poder econômico. (A mudança só virá quando o lucro for afetado. Infelizmente, isso pode ocorrer com a mudança climática).

Segundo a Agência Internacional de Energia/IEA (na siga em inglês), até 2.015, as emissões de CO₂ relacionadas ao setor energético atingiram 33,3 gigatoneladas. Em um ano, as emissões de países emergentes cresceram 400 milhões de toneladas. Em contrapartida, o biogás natural é mal aproveitado no Brasil. De acordo com a Associação Brasileira de Biogás e Biometano/ABIGAS, 97,72% são desperdiçados.

O setor energético se acha em profundas modificações. A disrupção está atingindo todos os segmentos da economia, inclusive o setor de energia,

que já sofre grandes transformações.

Migrar para uma forma mais inteligente de produção, transmissão e consumir é o caminho que já está sendo desbravado.

Tendências: Descentralização, onde o consumidor é também gerador da energia; digitalização, onde os dados são compartilhados em tempo real, levando a um consumo mais compartilhado em tempo real, levando a um consumo mais inteligente dos recursos energéticos.

Um bom exemplo, na Estônia, é a WcPower - uma plataforma de negociação de energia limpa baseada em 'Blockchain', que visa promover uma vida Sustentável por meio da adoção global de energias renováveis. O projeto recém lançado é de 'tokenização' dos dados da rede de energia do pequeno país do leste europeu, que é referência global em tecnologias digitais.

O funcionamento é bem simples para o usuário final. Seja um produto ou não de energia, ele compra 'tokens' que podem ser trocados por kilowatts de energia. Pelo sistema, ele enxerga todas as opções possíveis de fornecedores para sua residência ou seu negócio, e seleciona a que considera mais conveniente.

REFERÊNCIA

Revista Época e Negócios, março de 2020. Editora Globo, Rio de Janeiro.